

Ivan Serpa no MIS: de Bernanos e Graciliano guardo recordações

Nem o intenso calor da sala de gravação, nem as constantes provocações de seu entrevistador, o crítico de artes Jayme Maurício, tiraram a tranqüilidade de Ivan Serpa ao depôr, ontem, no Museu da Imagem e do Som. A última gravação com artistas plásticos, foi feita em 1969, com o depoimento de Alfredo Volpi.

Após breve apresentação de Jayme Maurício, do Conselho de Artes Plásticas do MIS, Ivan Serpa respondeu com toda calma às perguntas feitas também por Cravo Albim e pela poetisa Lélla Ribeiro Frota. O apresentador ressaltou o fato de Ivan Serpa dar sempre grande trabalho à crítica, porque se renova a cada ano, sintetizando entre 1950 e 1970 toda a criatividade no setor de artes plásticas no Brasil, sempre alheio ao mercado, à glória e à publicidade.

— Nasci no Rio de Janeiro, na Tijuca, em 8 de abril de 1923. Meus pais morreram quando eu era pequeno e fui criado por uma tia francesa. Talvez por isto, habituei-me mais à maneira de viver à francesa do que à brasileira, o que me provocou certo desajuste. Na época da Segunda Guerra — em 1940 — tomei parte do Comitê da França Livre, época em que conheci um homem importantíssimo para minha formação artística. Foi Georges Bernanos, que ao ver alguns trabalhos meus disse: "Um dia você será um grande artista. O que você precisa é nunca fazer concessões a ninguém, o que certamente lhe trará muitos inimigos."

Ivan Serpa ressaltava que até hoje segue o conselho de Bernanos, dizendo que os poucos diálogos que tiveram foram marcantes para ele, que na época, aos 20 anos, desenhava como passatempo e nem de longe imaginava ser artista. E cita uma vez mais Bernanos: "É melhor desagradar conscientemente do que agradecer por agradar."

— No Colégio 28 de Setembro, onde cursei até o 1.º Científico, era um aluno como qualquer outro. Apenas sentia que havia um sentido de nazismo no ambiente, ao qual era completamente contra. Foi nesta época que tive contato com Graciliano Ramos, inspetor federal do Colégio. Foi ele quem me deu dez em inglês — matéria de que eu não gostava —, por ter respondido todas as perguntas sobre a História da França. Desde os sete anos, quando desenhava um leão na capa de uma cartilha dada por minha mãe, até 1939, desenhava apenas por brincadeira. Mas minha tia Cláudia, artista de teatro na França, lia muito, inclusive sobre pintura, o que certamente me influenciou.

Ivan Serpa só começou a estudar desenho em 1948, com Leskoschek, quando passou a se integrar mais na arte de desenhar e pintar. Para ele foi muito importante o contato com Murilo Mendes, em 1949, que o levou para trabalhar na restauração de obras raras da Biblioteca Nacional. Antes disso, vivia de dar aulas de Francês, tendo também trabalhado numa Companhia de Publicidade — Popular —, de onde saiu por estar-se "academizando". Na Biblioteca Nacional trabalhou de 1950 a 1964, onde fez muitas experiências ajudado por Adalberto Bar-



reto. Em 1964, se aposentou por problemas de saúde.

Influenciado pelo concretismo suíço que viu na I Bienal de São Paulo, em 1951, Ivan Serpa voltou-se para o geométrismo, integrando-o no Grupo Frente de 1953 a 1955, ano em que expôs no Museu de Arte Contemporânea, em São Paulo. A atividade que sempre lhe interessou foi a de professor, usando métodos liberais. Foi o primeiro professor do Museu de Arte Moderna, em 1951, quando dava aulas de arte para crianças.

— Nunca me preocupei em vender quadros. Sempre procurei ganhar a vida como professor, para nunca ter que fazer concessões, embora tenha passado por muitas dificuldades, especialmente quando casei, em 1949.

Como primeiro artista jovem que teve a coragem de contestar Portinari publicamente, Ivan Serpa afirmou que nunca lhe passou pela idéia destruir ninguém, como disseram. "Achava apenas que Portinari passou a ser pintor oficial, o que tirou muito de sua força, além do que ele não admita a vanguarda."

Em 1957, Serpa ganhou uma viagem ao exterior, quando recebeu o voto de Goeldi, que lhe confessou que, embora não gostasse de seu trabalho, era o melhor do Salão. Ao deparar-se com as obras do Museu do Prado, em Madri, ele teve um choque, porque viu que "não

sabia pintar nada. Faltavam-se conhecimentos técnicos da arte de pintar". Nesta viagem encontrou João Cabral de Melo Neto e durante oito meses manteve com ele contatos quase diários, "quando aprendi muito sobre arte".

— Ao voltar da Europa, senti necessidade de ficar isolado e trabalhar profundamente. Precisava livrar-me da influência dos suíços. E parti para o que chamam de informal, que não é exatamente informal, porque parti de pesquisas conscientes em livros antigos da Biblioteca Nacional, o que venho fazendo agora com a pintura a óleo. Voltei da Europa mais livre, mais seguro, partindo de um princípio geométrico e deixando depois a imaginação andar. Na Fase Negra, em 1963, quis representar um momento de angústia, transmitir a realidade da época em que estava vivendo. Procurei dar o sentido da tragédia humana. Com a ameaça da Bomba Atômica achei que os homens estavam realmente ameaçados de serem transformados em monstros com pernas saindo da cabeça e braços do pescoço.